

Imagem, gênero e sexualidade no currículo de Artes Visuais: receios, excessos e olhares conformados

Image, gender and sexuality in the Visual Arts curriculum: fears, excesses and conformed looks

Imagen, género y sexualidad en el currículo de Artes Visuales: miedos, excesos y miradas conformes

Fabiana Lopes de Souza (UFPel - Brasil) ¹

¹ Doutora em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1107919100478215> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6425-5526> e-mail: fabiana.lopess2013@gmail.com

RESUMO

O texto traz reflexões sobre as concepções de professoras de Artes Visuais, atuantes em escolas públicas do município de Pelotas/RS, em relação as práticas curriculares com a utilização de imagens e as ligações estabelecidas com as temáticas de gênero e sexualidade. A partir de um recorte, apresenta-se dados obtidos de revisões bibliográficas, do envio de imagens e de entrevistas semiestruturadas. Percebeu-se que o entendimento das professoras de Artes Visuais sobre as práticas com imagens pode reforçar e manter preconceitos e estereótipos no currículo escolar, mas pode também contribuir no processo de desconstrução dos pensamentos que normatizam condutas e procuram fixar identidades. Tal constatação se deve ao nível de criticidade das professoras, que inclui o repertório visual e a relação estabelecida entre as imagens e a produção de sentidos e significados, considerando a formação inicial e continuada docente.

PALAVRAS-CHAVE

Artes Visuais; Currículo; Estereótipos; Gênero; Imagem.

ABSTRACT

The text reflects on the conceptions of Visual Arts teachers working in public schools in the municipality of Pelotas/RS, in relation to curricular practices using images and the links established with the themes of gender and sexuality. From a cross-section, we present data obtained from bibliographical reviews, the sending of images and semi-structured interviews. It emerged that Visual Arts teachers' understanding of practices with images can reinforce and maintain prejudices and stereotypes in the school curriculum, but can also contribute to the process of deconstructing thoughts that standardize conduct and seek to fix identities. This is due to the teachers' level of criticality, which includes their visual repertoire and the relationship established between images and the production of senses and meanings, considering their initial and continuing teacher training.

KEY-WORDS

Visual Arts; Curriculum; Stereotypes; Gender; Image.

RESUMEN

Establecer un diálogo entre el cómic y el espacio de producción académica de las artes visuales implica explorar aspectos de la cultura visual contemporánea, las imágenes que componen este contexto y sus interpretaciones artísticas y estéticas del objeto. Así, este artículo propone analizar el cómic como un medio capaz de proporcionar experiencias estéticas y ampliar su potencial poético, narrativo y simbólico, como alternativa para la comprensión de las producciones artísticas actuales. Para ello, se realizó una investigación bibliográfica sobre el concepto de experiencia según John Dewey, estableciendo interpolaciones con la imagen y la cultura visual, buscando comprender los posibles espacios de diálogo entre el cómic y las artes visuales, sobre todo, pensando en la enseñanza.

PALABRAS-CLAVE

Artes visuales; plan de estudios; estereotipos; género; imagen.

Introdução

O presente artigo provém de uma pesquisa de doutorado defendida no ano de 2022, intitulada “Imagens e questões de gênero no currículo: um estudo com professoras² de Artes Visuais”, que teve como objetivo investigar as concepções das professoras de Artes Visuais da rede municipal de ensino de Pelotas/RS, quanto às imagens e às relações de gênero no currículo escolar.

De maneira informal, no período entre 31 de maio a 16 de junho de 2021, entrei em contato com 19 professoras de Artes Visuais atuantes em escolas públicas municipais de Pelotas. O contato aconteceu individualmente, por meio de mensagens através dos aplicativos *WhatsApp* e *Messenger*, devido a pandemia de covid-19.

Conforme eu entrava em contato com as docentes e explicava um pouco sobre a pesquisa, elas confirmavam a participação, o que possibilitava verificar a necessidade de convidar mais participantes, pois eu havia delimitado que fariam parte da pesquisa em torno de dez professoras. No entanto, onze participantes confirmaram a participação.

Sobre a escolha pelas docentes, quatro delas haviam sido minhas colegas na época de graduação, contudo apenas uma respondeu a mensagem aceitando participar da pesquisa. As outras três colegas visualizaram a mensagem, mas não deram retorno. Entrei em contato também com uma colega da época de mestrado que aceitou participar. Os outros contatos consegui através de um grupo de *WhatsApp* chamado Arte/Smed, que eu fazia parte no ano de 2020; e ainda através do grupo de Facebook “Pesquisa, Ensino e Formação docente nas Artes Visuais³.”

Todas as professoras participantes possuem formação em Artes Visuais. O tempo de docência varia entre 1 ano e 4 meses até 12 anos. Quanto à carga horária, oito participantes trabalham 40h semanais que são distribuídas em escolas do mesmo município, como também em municípios vizinhos. As turmas variam, do pré-escolar ao 9ºano

Através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁴, cada uma das onze docentes foi convidada, individualmente, a participar da pesquisa. Inicialmente foi solicitado o envio de uma imagem, que poderia ser produzida pela própria docente no momento do convite (desenho, pintura, fotografia, entre outras) ou alguma imagem produzida na sua época de estudante das Artes Visuais, do seu período de docência na escola, ou, ainda, alguma imagem disponível em mídias digitais, que possuísse uma relação com as temáticas: cultura visual e gênero.

As imagens foram enviadas pelas docentes, por meio do *Messenger* ou *WhatsApp*. O objetivo de solicitação do envio da imagem foi compreender o

2 Por questões éticas de pesquisa, as professoras participantes serão mencionadas no texto por nomes fictícios

3 Grupo administrado pela profa. Dra. Maristani Polidori Zamperetti: <https://www.facebook.com/groups/863649133804130>

4 Tratando das questões éticas da pesquisa, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, uma carta de anuência autorizando a realização da pesquisa, foi concedida pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Pelotas/RS.

entendimento das professoras em relação às temáticas, visando ainda um possível diálogo entre a imagem selecionada e as questões da entrevista.

As entrevistas semiestruturadas, com duração em torno de 50 minutos, foram realizadas por meio de uma plataforma digital que possui capacidade de gravação. A plataforma denominada Webconf/UFPel pertence a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); e foi disponibilizada para professoras/es e estudantes de pós-graduação no período da pandemia de Coronavírus. O acesso à plataforma acontece através de um login e uma senha pessoal. Dessa forma, foi possível convidar cada participante, individualmente, para entrar na sala virtual, sendo que as datas desse acesso foram combinadas com antecedência, respeitando a disponibilidade de horários de cada participante. As datas das entrevistas ocorreram de 25 de junho até 27 de julho de 2021.

Iniciamos uma conversa, na qual a participante comentou sobre a imagem que foi selecionada e enviada para a pesquisadora, falando sobre o porquê da escolha por determinada imagem e a relação com as temáticas “gênero e cultura visual”. Logo após, foi realizada a entrevista semiestruturada composta pelos seguintes questionamentos:

- Quais imagens percebes que estão mais presentes no cotidiano escolar? E o que achas disso?
- As imagens fazem parte do planejamento da disciplina de Artes Visuais, ou são trabalhadas dentro de algum conteúdo?
- São utilizadas imagens da cultura visual contemporânea em suas aulas? Quais imagens são utilizadas? Existem abordagens sobre gênero, classe e raça?
- O feminino nas representações artísticas faz parte de algum tema trabalhado, questionado e/ou problematizado em suas aulas?
- Você acha relevante a utilização de imagens que remetem às questões de gênero, nas aulas de Artes Visuais?
- O que pensas sobre as imagens, produção de sentidos e subjetividades das/os alunas/os quanto às suas construções identitárias?

Assim, neste recorte serão apresentados dados⁵ obtidos de revisões bibliográficas, do envio de imagens e de entrevistas semiestruturadas realizadas com as docentes.

Sabe-se que a escolha das/os professoras/es, por determinadas imagens e artefatos visuais e culturais para o trabalho nas aulas de Artes Visuais, não são neutras, pois são seleções que fazem parte de um currículo que pode ser oficial ou oculto⁶; ou

5 Na tese contactou-se a existência de professoras que refletem sobre as suas práticas e, mesmo em situações de receio e insegurança trabalham com temáticas que envolvem cultura visual e gênero. No entanto, neste recorte serão apresentados dados que ainda revelam posturas mais acríicas, por parte de algumas docentes, em relação a tais temáticas.

6 É aquele “constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazerem parte do currículo oficial, explícito, contribui, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes” (Silva, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p.78).

ainda, de um currículo, subversivo, inclusivo e transformador (Paraíso, 2016).

No que se refere as discussões sobre gênero, corpo, sexo e sexualidade na escola, nota-se que existe uma insuficiência de discussões formais sobre os assuntos e que os pensamentos generificados se fazem presentes através dos conteúdos e das atividades pedagógicas e curriculares (Dias, 2011; Louro, 2014). Ademais, os assuntos sobre as questões de gênero não são mencionados no documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental. Se a palavra “gênero” for pesquisada no documento, serão encontrados os seguintes termos: “gênero textual”, “gêneros literários”, “gêneros jornalísticos”...

Dessa forma, a BNCC opera para reforçar e manter as práticas curriculares que são pautadas no silenciamento e na indiferença. Assim, persiste a dificuldade das/os professoras/es em tratar dos assuntos relacionados às questões de gênero e sexualidade, devido a sustentação de uma lógica binária pautada na heteronormatividade.

Todas essas questões repercutem no trabalho docente, além da ideia que algumas professoras têm sobre quais conteúdos seriam adequados para serem trabalhados com as/os estudantes.

O silenciamento em relação ao trabalho com as imagens

Em pergunta a uma das participantes da pesquisa, a professora Juliana⁷, se o feminino nas representações artísticas fazia parte de algum tema trabalhado, questionado e/ou problematizado em suas aulas, ela afirmou que quando apresentava as imagens de obras de arte para as/os alunas/os, as discussões sobre o feminino não faziam parte do trabalho, sendo que as abordagens eram mais formalistas, centrando-se, por exemplo, nas cores presentes nas imagens; e sobre as questões de gênero, se as/os estudantes quisessem conversar sobre LGBTQIA+, ela conversava, mas isso não era abordado em suas aulas.

Lamentavelmente, as questões que envolvem sexualidade e gênero ainda configuram um terreno arenoso e, muitas vezes, o professorado prefere não mostrar essas referências visuais para evitar potenciais conflitos com o alunado, os pais, consigo próprio ou com a própria instituição. Evitando o conflito, esse comportamento gera uma espécie de cumplicidade com os discursos conservadores que pensam o sexo como pecado e, a sexualidade não heteronormativa, como um distúrbio moral. Ao mesmo tempo, ignora a pluralidade de representações identitárias contemporâneas que fogem dos modelos hegemônicos, se multiplicam e colorem nossas salas de aulas (Abreu, 2017, p. 314-315).

A partir disso, foi possível elaborar duas hipóteses referentes ao trabalho com

⁷ A professora ministra aulas para turmas dos anos iniciais (primeiro ao quinto ano) e para turmas dos anos finais (nonos anos).

imagens e as temáticas que envolvem gênero e sexualidade nas escolas:

1. Trabalhar com as imagens, sejam elas reproduções artísticas ou não, e não propiciar um diálogo com os processos históricos, sociais e culturais, pode possuir uma relação com a formação das docentes. Pois de acordo com Dias e Loponte “[a] dificuldade de superar o senso comum, os essencialismos e as polarizações, entretanto, pode ser sintomática da pauperização do debate sobre gênero nas instâncias de formação docente em Artes Visuais” (2019, p. 7).

2. Aquilo que não é trabalhado, no caso, gênero, classe, raça e sexualidade, deixa de promover a criticidade e a reflexão por parte das/os estudantes, e dessa forma não contribui para um pensamento democrático e emancipador. Além disso, o que não é abordado também faz parte do currículo, mas de um currículo oculto, que é aquele que contribui para a normatização e o individualismo das/os estudantes (Santomé, 2005; Silva, 2017).

Em relação a primeira hipótese, sobre a falta do debate sobre gênero na formação em Artes Visuais, percebi conexão também com a resposta da professora Rafaela, sobre a imagem enviada por ela, “Emmanuelle encolhida”⁸ da artista Sylvie Guillot.

Me chamou a atenção essa imagem pela posição que ela se encontra, um corpo retraído, um corpo fechado e a questão de gênero ainda é uma questão bastante difícil das pessoas conversarem sobre, da gente trazer para a sala de aula; é um tema que não é trabalhado na sala de aula, então eu acho que esse corpo em posição fetal [...], acho que diz muito sobre a forma como a gente encara esse assunto, foi por isso que escolhi essa imagem (Rafaela, Entrevista, 02.07.21).

Rafaela estabeleceu uma relação entre a imagem da mulher encolhida/retraída na reprodução artística com a dificuldade, “o retraimento” que existe por parte de muitas professoras com as abordagens sobre gênero em sala de aula; isso corrobora com as reflexões das autoras Coutinho e Loponte (2019) e Abreu (2017) em relação ao receio das/os professores/as tanto com os assuntos quanto com as referências visuais que envolvem gênero e sexualidade para evitar conflitos com a “instituição escolar”.

A professora afirmou que não havia trabalhado com essa imagem em suas aulas. Assim, perguntei a razão da afirmação – se era por causa do nu artístico ou por ministrar aulas para os anos iniciais – então ela disse:

[...] eu acho que isso pode ser também, muito pelo fato da gente reproduzir a forma como nós fomos ensinados; não tem como dizer que a gente não é reflexo da forma como a gente aprendeu, como a gente foi educado; e a questão do corpo na minha formação, a questão do gênero, de aceitação, enfim, diversos outros assuntos [...] eu nunca tive isso na minha formação. Talvez depois do mestrado que eu comecei mais a me aprofundar e me interessar sobre o assunto; durante a formação, licenciatura, minha formação

8 Guillot, Sylvie. Título original da obra: “Emmanuelle huddled up”. Disponível em: <<https://www.sylvieguillot.com/watercolours?lightbox=datatem-igedn0a3>> Acesso em: 23 maio 2025.

na escola, nunca tive e nunca foram assuntos abordados de uma forma natural, como deveriam ser, nossa! Quando a gente tinha aula de desenho, de desenho da figura humana, eu ficava muito desconfortável em sala de aula, com os modelos nus, entende? Então são questões que nos geram um certo desconforto e querendo ou não acabam refletindo na forma como a gente ensina; é muito da bagagem, da forma como somos educados. Claro que a gente tá aí pra desconstruir, enfim, mas é difícil, é difícil (Rafaela, Entrevista, 02.07.21).

A artista Sylvie Guillot, nasceu em Paris, em 1972. Atualmente, mora e trabalha em São Francisco, nos EUA. Seus trabalhos centram-se no tema da figura humana, especificamente no nu. Em sua página da internet⁹ ela comenta:

Gosto da ideia de tensão e movimento dentro do corpo, usando composições em que o corpo parece esticar, cair ou encolher. Também gosto de enfatizar a tensão desenhando torsos contorcidos, mãos fortes e nervosas, corpos agarrados a si mesmos [...]. Não pretendo que meu trabalho transmita quaisquer declarações intelectuais ou controversas particulares além da expressão da alegria primordial e da necessidade de pintar (Guillot, 2021, s/p.).

Sem desconsiderar o comentário da artista sobre “não pretender nada além da alegria e da necessidade de pintar”, destaco que a imagem escolhida pela professora Rafaela apresenta uma mulher nua retratada a partir do olhar feminino; é uma produção artística feminina, que mesmo sem intenção se opõe as representações artísticas femininas idealizadas e retratadas historicamente pelos artistas homens. Contudo, a professora relatou sobre a dificuldade de trabalhar com essa reprodução, atribuindo esse fato a falta de assuntos ligados à gênero em sua formação escolar e universitária. Tal informação corrobora com as reflexões de Pontes e Zamperetti, quando as autoras reiteram que:

[...] a formação docente é um misto de experiências pretéritas e posteriores ao processo acadêmico, e, que, portanto, a consciência crítica, reflexiva e até mesmo o posicionamento feminista podem se constituir a partir de diversas trajetórias – desde a formação inicial às formações continuadas – incluindo processos formativos extra institucionalizados (Pontes; Zamperetti, 2020, p. 183).

É relevante refletir sobre a trajetória e as experiências relatadas pela professora e o quanto isso ainda afeta a sua prática. Porém, o conhecimento tanto sobre a obra quanto sobre quem a produziu ficaram ocultos das suas aulas, deixando de trazer à tona essa produção feminina e quem sabe tantas outras que contribuiriam no processo de desnaturalização do olhar e de reformulação das práticas curriculares, especialmente em Artes Visuais.

9 Guillot, Sylvie. Biografia. Disponível em: <<https://www.sylvieguillot.net/about>> Acesso em: 23 maio 2025.

Do receio ao “excesso”: imagens e estereótipos

Em resposta ao questionamento da entrevista: Quais imagens percebes que estão mais presentes no cotidiano escolar? “O excesso” e os “desenhos prontos” foram as palavras utilizadas pela professora Camila. Na verdade, ela se referiu ao uso indiscriminado de materiais estereotipados nas práticas pedagógicas e curriculares das escolas.

O uso de imagens mimeografadas e estereotipadas reforça a ilusão de que a escola faz parte de um mundo encanta/dor. Trata-se de um de um “mundo” repleto de seres irracionais e objetos inanimados que falam, sentem, expressam sentimentos e ganham características personificadas. São figuras/imagens extraídas de livros e desenhos animados infantis que passam a compor as paredes das salas de aula, dos pátios, corredores e outros espaços. Encontram-se também nos materiais escolares e nas atividades pedagógicas destinadas à educação das crianças. Expressam uma visão de felicidade, um “mundo encantado” que exige, de forma explícita ou velada, obediência rigorosa às normas solicitadas. Em razão disso, a palavra “encanta/dor”, dá a entender, simultaneamente, a difusão de um mundo de “felicidade” e de “dor” (Nascimento; Sousa; Coelho, 2015, p. 274-275).

“Quais imagens percebes que estão mais presentes no cotidiano escolar?” Teve respostas praticamente unânimes: “Personagens”; “folhas prontas”; “cartazes de EVA”; “corujinhas”; “murais com datas comemorativas”; “alfabetos” e etc.

A partir dessas respostas e procurando dar continuidade a entrevista, perguntei a cada professora: E que achas disso? Dessas imagens?

“Eu acho que é uma questão pontual da escola, sabe? O que eu percebo, pode ser uma visão minha, mas a escola ainda é muito fechada” (Francisca, Entrevista, 05.07.21).

Francisca mencionou que “a escola ainda é muito fechada”, uma frase indicadora de que a escola é um lugar que controla e regula as posições de sujeito, fixando as identidades; e as imagens estereotipadas dos materiais pedagógicos das escolas (desenhos prontos, cartazes, murais etc.) contribuem nesse processo de homogeneização (Pereira, 2008).

No que se refere, especificamente, aos desenhos “prontos”, para a professora Camila “[...] é uma coisa que não tem criação nenhuma por parte dos alunos, não tem processo de criação deles, é uma coisa pronta, eles não têm que pensar nada (Camila, Entrevista, 07.07.21).

Sobre “não haver o processo de criação”, de acordo com Pereira (2008), os desenhos pedagógicos se caracterizam como

imagens sobremaneira simplificadas, delineadas em traços e espaços bem delimitados e em margens rígidas. [...] são exercícios que consistem no preenchimento, com cores, da parte interna dos contornos das imagens. Na prática docente, esses exercícios são, usualmente, pré-estabelecidos pelos professores. Muitas vezes, eles trazem as instruções de como e quais devem ser as cores a serem utilizadas (Pereira, 2008, p. 40).

Além disso, tanto os desenhos estereotipados quanto os cartazes e outros materiais visuais, expõem algo que não é explícito, e que fazem parte de um currículo oculto. Ou seja, essas visualidades do cotidiano escolar regulam e normatizam os olhares das/os estudantes como também das/os professoras/es.

Em relato sobre quais são as imagens que compõem o espaço escolar, a professora Sofia descreve:

São aquelas estereotipadas, aquelas imagens que quando eu estudava já era mais ou menos isso, né? [...] não modificou muita coisa; modificou a qualidade das imagens que antigamente eram aquelas dos livros didáticos e agora os professores imprimem um material “bonitinho”, vamos dizer assim. [...] são as imagens [estereotipadas] que eles têm [alunas/os] como referência na sala de aula (Sofia, Entrevista, 25.06.21).

Embora a professora estivesse se referindo as imagens presentes em um contexto atual de Ensino Fundamental completo (do pré-escolar ao nono ano), seu relato corrobora com as constatações de Cunha (2005) sobre as “ambiências” das escolas de educação infantil da cidade de Porto Alegre, visitadas pela pesquisadora e que lhe causaram “a sensação de volta no tempo” pelas semelhanças com a escola da sua época como aluna do Jardim de Infância, no início dos anos 60.

A impressão que tive e tenho sobre as ambiências escolares é de que elas funcionavam como uma espécie de cenografia natural da infância escolarizada. Ou seja, há uma concepção sobre os modos de compor esses espaços que atravessa o tempo e os contextos socioculturais, tornando assim esses espaços como algo que naturalmente é assim (Cunha, 2005, p. 65).

As imagens “que agora possuem uma qualidade visual”, dão a “sensação de volta no tempo” por suas semelhanças com as imagens que faziam parte das escolas e consequentemente das infâncias, da professora Sofia e da pesquisadora Suzana da Cunha. No entanto, a naturalização da presença dessas imagens nos espaços escolares faz com que elas se tornem referências visuais para as/os estudantes, atuando na maneira como elas/es devem ser e perpetuando um imaginário acerca da cultura visual escolar.

Ou seja, essas imagens são discursos visuais que regulam as práticas escolares com o intuito de fixar as identidades, algo que segundo Silva (2012, p. 83), “[é] uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças”.

Apesar disso, percebi a aceitação e a naturalização por parte de duas professoras em relação às imagens (cartazes, folhas prontas, murais com datas comemorativas) mencionadas por elas e que faziam parte do interior das escolas em que trabalhavam:

“Eu acho que eles [alunas/os] precisam, que eles se identificam [...] que eles precisam dessa referência [...]” (Amanda, Entrevista, 27.07.21).

E ainda:

“Eu acho que enriquece o ambiente escolar, que não fica assim, digamos “morto”. Dá vida pra escola, a gente chegar e ver aquelas imagens...dá vida pra

escola" (Lara, Entrevista, 12.07.21).

Quanto a isso, destaco as contribuições de Cunha (2005), quando a autora se refere ao "olhar conformado" que impede "outros modos de ver".

As imagens que participam da vida escolar, talvez por serem repetitivas, são aceitas e naturalizadas [...]. O olhar conformado que está sendo constituído nesses locais educativos impede o trânsito para outros modos de ver. Professoras, crianças se acostumam com a regularidade. As semelhanças das imagens definem o costumeiro, o aceito, o esperado (Cunha, 2005, p. 229-230).

As imagens presentes no espaço escolar são rotineiras e as professoras Amanda e Lara as consideram como necessárias, como referências para as/os estudantes; ou ainda como decorativas, como algo que "dá vida para a escola". Porém, "o olhar conformado" das professoras as impede de ver que essas imagens também fazem parte de "um mundo encanta/dor" (Nascimento; Sousa; Coelho, 2015), no qual as práticas curriculares com o uso de imagens estereotipadas "encanta" ao mesmo tempo em que impõe normas e condutas às/aos estudantes.

Considerações Finais

Percebe-se que todas as professoras trabalham com imagens em suas aulas. Porém, quando o assunto se refere à gênero e sexualidade, ainda existe dificuldade, receio, falta de discussões e criticidade, ligadas ou não à formação inicial, falta de ampliação do repertório visual e até mesmo critérios de gosto por parte de algumas professoras, centrando-se nos elementos da linguagem visual e não em um alfabetismo visual crítico.

Também se constatou a existência de práticas curriculares que utilizam as imagens de forma descontextualizada, ou seja, sem discussões sobre o que está sendo trabalhado, de maneira acrítica, centrando-se apenas na realização de tarefas.

Falando em estereótipos, de acordo com os relatos, as "folhas prontas" ainda proliferam nas escolas (datas comemorativas, painéis, murais, personagens etc.), e existem algumas professoras com "olhares conformados", que consideram essas visualidades como "enfeites". No entanto, também existem professoras que questionam o "excesso" e a "falta do processo de criação" dessas visualidades, pois percebem se tratar de estereótipos que reforçam e fixam pensamentos.

Conclui-se que as concepções das professoras de Artes Visuais sobre as práticas com imagens podem reforçar e manter preconceitos e estereótipos no currículo escolar, mas pode também contribuir no processo de desconstrução dos pensamentos que normatizam condutas e procuram fixar identidades. Isso se deve ao nível de criticidade das professoras, que inclui o repertório visual e a relação estabelecida entre as imagens e a produção de sentidos e significados, considerando a formação inicial e continuada docente.

Referências

ABREU, Carla Luzia de. Justiça social e educação: Problemas de gênero nas artes visuais. In: MIRANDA, Fernando; VICCI, Gonzalo; ARDANCHE, Melissa. (org.). **Educación Visualidad Investigaciones Pedagógicas en Contextos Hiper Visuales**. 1. ed. Montevideo: Universidad de la República, 2017, v. 1, p. 311-318.

AMANDA. **Entrevista concedida a Fabiana Lopes de Souza**, 27 de julho de 2021, Entrevista online.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> Acesso em: 20 maio 2025.

CAMILA. **Entrevista concedida a Fabiana Lopes de Souza**, 07 de julho de 2021, Entrevista online.

COUTINHO, Andréa Senra; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Artes visuais e feminismos: Implicações pedagógicas. **Revista Estudos Feministas**, v 23, n 01, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/rNvDnC5nFpPggtj3pfhmdVP/abstract/?lang=pt> Acesso em: 20 maio 2025.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **Educação e Cultura Visual**: Uma trama entre imagens e infância. 2005. 248f. Tese (Doutorado – PPGE/UFRGS). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DIAS, Belidson. **O i/mundo da educação da cultura visual**. Brasília: Pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011. 210 p.

DIAS, Taís Ritter; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Gênero e ensino de Artes Visuais: desafios, armadilhas e resistências. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 27(3), 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/FWvP4Bc7FHbQ7nsb7v6gbpg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 25 maio 2025.

FRANCISCA. **Entrevista concedida a Fabiana Lopes de Souza**, 05 de julho de 2021, Entrevista online.

GUILLOT, Sylvie. **Emmanuelle huddled up**. Disponível em: <https://www.sylvieguillot.net/watercolours?lightbox=datatem-iqedn0a3> Acesso em: 23 maio 2025.

GUILLOT, Sylvie. **Biografia**. Disponível em: <https://www.sylvieguillot.net/about> Acesso em: 23 maio 2025.

JULIANA. **Entrevista concedida a Fabiana Lopes de Souza**, 12 de julho de 2021, Entrevista online.

LARA. **Entrevista concedida a Fabiana Lopes de Souza**, 12 de julho de 2021, Entrevista online.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do; SOUSA, Idália Beatriz Lins de; COELHO, Clícia Tatiana Alberto. Um mundo encanta/dor nas visualidades da educação infantil. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Educação da cultura visual**: Aprender...pesquisar...ensinar. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015. p. 263-288.

PARÁISO, Marlucy Alves. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 206-237, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723817332016206/pdf12> Acesso em: 15 maio 2025.

PEREIRA, Alexandre Adalberto. **O desenho pedagógico e as posições de sujeito em escola ribeirinha de Macapá**. 2008. 128f. Dissertação (Mestrado – PPGACV/UFG). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

PONTES, Alessandra G; ZAMPERETTI, Maristani P. Docência em Artes visuais: pesquisando relações entre patriarcado e formação inicial. In: VASCONCELLOS, Emanuella; RODRIGUES, Hellen Cris A; SANTOS, George Brendon P; OLIVEIRA, Sebastião M. (orgs.). **Universidade e escola**: contextos de ensino e aprendizagem, Boa Vista: Ed. da UFRR, 2020, p. 183-196.

RAFAELA. **Entrevista concedida a Fabiana Lopes de Souza**, 02 de julho de 2021, Entrevista online.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 159-177.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 73-102.

SOFIA. **Entrevista concedida a Fabiana Lopes de Souza**, 25 de junho de 2021, Entrevista online.

Submissão: 03/06/2025

Aprovação: 13/09/2025